

## A MEMÓRIA IMAGÉTICA DA UHE BELO MONTE (PA) NARRADA POR MULHERES ARPILLERISTAS<sup>1</sup>

Jéssica Feiteiro Portugal<sup>2</sup>  
Daniel dos Santos Fernandes<sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho trata de uma reflexão acerca dos impactos socioambientais decorrentes do processo de implantação de hidrelétricas na Amazônia, através de uma técnica de bordado chileno de confecção de tela de tecidos, produzidas e expostas por mulheres atingidas pela UHE Belo Monte (PA). Metodologicamente, a reflexão parte da percepção da paisagem representada por *arpilleras*<sup>4</sup> não apenas pela estética iconográfica da imagem, mas como narrativa imagética, a qual é articulada subjetivamente pelas mulheres *arpilleristas*, constitui produto do imaginário coletivo, e deste modo, materializa-se através do discurso ideológico figurativo de resistência aos impactos causados pelo empreendimento. Como forma de nortear a reflexão da imagem compreendida como narrativa e produto de memória, este estudo fundamenta-se a partir da articulação teórico-metodológica de autores que abordam a temática da: Imagem fotográfica como método etnográfico como Guran (2011); O imaginário coletivo por Maffesoli (2001); A memória coletiva por Halbwachs (1968). A análise possibilita perceber a imagem que as mulheres *arpilleristas* atingidas pela UHE Belo Monte buscam explicitar acerca do processo de implantação de hidrelétricas na Amazônia a partir da representação social, e dos motivos que justificam a disposição criativa de utilização da arte por imagens como estratégia de linguagem e comunicação.

**Palavras-chave:** Narrativas imagéticas. Mulheres *Arpilleristas*. UHE Belo Monte.

### ABSTRACT

This academic work speaks about a reflection from the social and environmental impacts resulting of the process of implantation of hydroelectric plants in the Amazon, through a Chilean embroidery technique of cloth fabric making, produced and exposed by women affected by UHE Belo Monte (PA). Methodologically, reflection starts from the perception of the landscape represented by *arpilleras* not only by the iconographic aesthetics of the image, but as an imaginary narrative, which is subjectively articulated by *arpilleristas* women, is a product of the collective imaginary, and thus materializes through discourse Ideological resistance to the impacts caused by the enterprise. As a way to guide the reflection of the image understood as narrative and memory product, this study is based on the theoretical-methodological articulation of authors that approach the subject of: Imagem fotográfica como método etnográfico como Guran (2011); O imaginário coletivo por Maffesoli (2001); A memória coletiva por Halbwachs (1968). The analysis makes the possibility to perceive the image that the *arpilleristas* women affected by the Belo Monte Hydroelectric Plant seek to explain about the process of implantation of hydroelectric plants in the Amazon from the social representation,

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de discussões na disciplina de Antropologia Visual e da Imagem, ministrada pelo Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Bragança/Pa. Sobre as *arpilleristas*, mulheres que confeccionam telas de tecido sobre juta, as “*arpilleras*”, através de um tipo especial de bordado, proveniente da cultura chilena.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Bragança/Pa. Email: [potugaljessica@hotmail.com](mailto:potugaljessica@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Ciências Sociais/Antropologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Bragança/Pa. Email: [dasafe@msn.com](mailto:dasafe@msn.com)

<sup>4</sup> Palavra de origem da língua espanhola que traduzida para o português significa juta, serapilheira, estopa. Neste trabalho, optamos por utilizar a palavra em espanhol “*arpillera*” que consiste no nome da técnica têxtil desenvolvida pelas mulheres atingidas por barragens.

and the reasons that justify the creative use of the art by images as language strategy and communication.

**Keywords:** Imagetic narratives. Women *Arpilleristas*. UHE Belo Monte.

Recebido em: 21/04/ 2017

Aprovado em: 10/05/2017

## INTRODUÇÃO

Se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas sua substância, é que nossa memória não é uma tábula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos (talvez ilusórios) que nos devolveriam a imagem do passado (HALBWACHS, 1990, p.28).

O passado que lembramos coletivamente neste trabalho, está substanciado pela memória de mulheres que bordam a imagem do passado. As lembranças imagéticas que são evidenciadas referem-se a um período recente, ainda presente nas narrativas que contam. Nas telas, as imagens que se fundem com as lembranças vivas, revelam um período vivenciado decorrente de impactos e violações de direitos, e para as mulheres *arpilleristas* atingidas pela UHE Belo Monte, a força que lhes devolve a imagem do que passaram e as tornam capazes de transformar o conflituoso presente, forma-se através da “linguagem de resistência”, a confecção de *arpilleras*.

Neste trabalho, propomos a reflexão de um tipo de linguagem imagética produzida por um grupo de pessoas provenientes da região que compõe o campo da pesquisa, a qual tem por objetivo analisar os impactos socioambientais, políticos, econômicos e culturais decorrentes da implantação de hidrelétricas na Amazônia por meio da memória das mulheres *arpilleristas* atingidas pela Usina Hidrelétrica Belo Monte (UHE), no município de Altamira (PA), sobretudo a memória da prática coletiva de resistência às violações de direitos humanos e garantia da cidadania.

As *arpilleristas* são mulheres que praticam um tipo especial de tapeçaria confeccionada por uma técnica de bordado formado por juta de tecidos, o qual denomina-se pela palavra em espanhol “arpillera”. As *arpilleras*, originárias das mulheres chilenas no período de ditadura militar no Chile (1973-1990), constituem-se em uma tradição de difusão da memória e história latino-americana, por meio da retomada das narrativas no processo de construção da cultura humana e no entendimento do papel expressivo do bordado feminino (MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS - MAB, 2015).

Uma das metodologias de difusão da linguagem de resistência das mulheres atingidas pela construção de hidrelétricas no Brasil está sendo desenvolvida pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), por meio da produção de testemunhos têxteis representados em *arpilleras*. No bordado das mulheres *arpilleristas* são narradas as experiências de vida das populações atingidas nos períodos de construção, implantação e operação das usinas hidrelétricas com o objetivo de denunciar e dar visibilidade à perda de bens materiais e simbólicos que sofrem e da luta organizada que realizam pela defesa dos seus direitos.

De forma coletiva, por meio de encontros e reuniões, as mulheres atingidas por barragens apropriaram-se da técnica chilena e confeccionam narrativas imagéticas com retalhos de tecidos. Como em reuniões de mulheres atingidas pela UHE Belo Monte, quando são confeccionadas *arpilleras*, nas quais as *arpilleristas* montam imagens sobre as telas de juta, atribuindo-lhes os significados dos impactos da hidrelétrica para as famílias atingidas.



Fonte: MAB, 2014.

Ao propor uma reflexão da memória por meio da evocação das narrativas visuais das mulheres *arpilleristas*, não nos dedicamos a uma interpretação das diferentes formas que podem ser observadas nas imagens, mas na percepção da “forma global” ou “forma de

conjunto” que objetivam explicitar. Neste sentido, ressaltamos que essa percepção “trata-se, pois, da percepção da forma como unidade, como configuração que implica a existência de um todo que estrutura suas partes de maneira racional” (AUMONT, 1993, p. 68).

Diante do contexto e objetivo supracitados, buscamos aprofundamento teórico-metodológico em literaturas da antropologia visual, precisamente as que adotam a perspectiva do uso da linguagem visual como parte integrante do método de pesquisa etnográfica. Aprofundar o debate de alguns conceitos-chave para a discussão da temática proposta, como o estudo da linguagem e comunicação humana, e da utilização da imagem como produto de memória e como narrativa. Nesse sentido, ressaltamos algumas reflexões iniciais acerca das atribuições ao imaginário humano que, segundo Rocha (1995), deve começar por questionar as doutrinas que historicamente atribuem ao imaginário fundamentos racionalistas e idólatras para adentrar na dimensão transcendente que a imagem atribui ao indivíduo “sendo condição do ato de compreensão intelectual do mundo e das coisas” (ROCHA, 1995, p. 109).

## **1. O IMAGINÁRIO HUMANO E A DIMENSÃO TRANSCENDENTE DA IMAGEM**

Historicamente, a “curiosidade” ou “interesse” pela imagem e sua relação com o símbolo (mito) ressurge por meio da zona de alta pressão imaginária que atingiu a civilização ocidental durante o desdobramento do pensamento contemporâneo (século XIX). Neste período, marcado pelo estrondo da Revolução Industrial, pelo Romantismo e Simbolismo, a dimensão do imaginário toma grandes proporções a partir da explosão dos meios técnicos audiovisuais e da tomada da dimensão simbólica da psicanálise.

Todos estes índices de uma alta pressão imaginária e simbólica na qual «nós vivemos e nos agitamos» são a síndrome de uma profunda revolução, de uma gigantesca ressurgência do que nossas pedagogias – e os epistemas resultantes – tinham cuidadosamente, durante séculos e séculos, rejeitado, ou pelo menos colocado na porção mínima (DURAND, 2004, p. 09)

A partir desta “revolução” da perspectiva da dimensão humana imaginante, o imaginário assume vitalidade e novo significado diante da razão. O homem, antes considerado racional, lógico, instrumental e conceitual, passa, também, a ser considerado o homem imaginante, mental, com necessidade de devaneios. De forma que o imaginário, antes idealizado, passa a ser considerado constitutivo do real, uma vez que permite a representação de sentidos da prática social (PASÍN, 2003).

Para Maffesoli (2001) a força social do imaginário de ordem espiritual, parte de uma compreensão mental que pode ser perceptível, mas não quantificável. Para o autor, o imaginário ultrapassa o indivíduo e impregna o coletivo. Por mais que pudesse falar em “meu” ou “teu” imaginário, a situação descrita por ambos corresponde ao imaginário de um grupo no qual estão inseridos. O imaginário é “o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual” (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

## **2. A LINGUAGEM HUMANA E A CAPACIDADE DE ATRIBUIR SUBJETIVIDADE À IMAGEM**

Samain (1995) ao referir-se a antropologia da visualidade humana, destaca a existência e necessidade dos meios de comunicação humana na constituição dos processos de vida, pensamento e organização dos homens, sociedades e culturas. Instiga-nos a aprofundar os conhecimentos acerca dos mecanismos neurofisiológicos e sensoriais, base do pensamento humano, e os possíveis códigos neles embutidos. Segundo o autor, devemos nos preocupar com os significados antropológicos e heurísticos do “encontro e mixagem de práticas cognitivas e comunicacionais seculares (visualidade, oralidade e escrita) com os mais recentes aparatos tecnológicos da verbo-visualidade contemporânea” (SAMAIN, 1995, p. 26), destacando a arte do saber ver, poder dizer e do fazer pensar através de imagens.

O emprego da linguagem está relacionado à capacidade humana de atribuir estados mentais à compreensão e compartilhamento de enunciados. Esta atribuição, por sua vez, não se reserva exclusivamente a interlocutores humanos, sendo possível também a atribuição de subjetividade aos artefatos. É por meio da representação icônica (imagem) que antropólogos e historiadores da arte consideram os artefatos como locutores de estados mentais (SEVERI, 2009).

## **3. O USO DA FOTOGRAFIA COMO MECANISMO DE OBJETIVAÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

Neste sentido, pensar a linguagem através da imagem pressupõe o entendimento de que a linguagem constitui um mecanismo de objetivação da subjetividade, no qual o homem observa, interpreta e elabora o ambiente em que vive, articula suas práticas sociais, as

orientações e as relações com os sujeitos por meio de linguagem. “Através da linguagem, o homem demarca sua identidade, reconhecendo-se e posicionando-se espacial e temporalmente na relação com o outro e com a sociedade” (TAVARES, 2006, p. 143).

Para Guran (2006) a imagem fotográfica constitui um importante instrumento e objeto de pesquisa, a qual pode servir como ponto de partida para uma reflexão antropológica e seus devidos resultados. Neste trabalho, pretende-se uma reflexão acerca das fotografias que revelam imagens produzidas pelos indivíduos pertencentes ao universo em estudo (as mulheres *arpilleristas* atingidas pela UHE de Belo Monte), e que “quando são produzidas pelo pesquisador com a função específica de atestar conclusões, apresentam-se como o resultado de uma reflexão” (GURAN, 2006, p. 81).

Dubois (1993) ajuda-nos a entender alguns dos elementos presentes nas fotografias, os quais podem servir para a percepção da mensagem imagética representada, como: a) o registro do “ato icônico” ou “imagem-ato” de uma fotografia, que nos permite a oportunidade de voltar não apenas à imagem que desejamos registrar, mas ao ato em que foi produzida; b) os índices, os quais constituem signos que em determinados momentos do tempo mantiveram relação real, física e presença imediata com suas causas; c) os ícones, definidos pela relação de semelhança atemporal; e d) os símbolos, que definem-se pela relação que convergem com a representação geral.

#### 4. NARRATIVAS COMO PRODUTO DO IMAGINÁRIO HUMANO

Entender o papel das narrativas como produto do imaginário humano pressupõe considerá-las como manifestações que acompanham o homem desde sua origem, existindo muitas possibilidades de narrar (oral, escrita, prosa, verso, imagens). Os fatos, os personagens, o tempo, o lugar e o narrador constituem-se nos elementos essenciais das estruturas das narrativas, dentre os quais, o último a caracteriza como prosa de ficção (GANCHO, 2002).

No decorrer do estudo, propomos a percepção da memória iconográfica explicitada acerca dos impactos socioambientais causados pela UHE Belo Monte sobre o modo de vida das famílias remanejadas das áreas inundadas pelo lago da usina, além da reflexão identificação ou reflexão das violações de direitos humanos vivenciadas por mulheres durante a implantação da barragem.

Propomos a articulação da metodologia da reflexão a partir da percepção da paisagem representada pelas *arpilleras* não apenas pela estética iconográfica da imagem, mas como narrativa articulada subjetivamente pelas mulheres *arpilleristas* constituindo-se como produto

do imaginário coletivo de um grupo social que compõe as populações atingidas pela hidrelétrica de Belo Monte, e deste modo, materializa-se através do discurso ideológico figurativo de resistência aos impactos causados pelo empreendimento.

A narrativa imagética representada nas *arpilleras* consiste na principal fonte de pesquisa deste trabalho. Os fatos evidenciados estão analisados e contextualizados a partir da representação das narradoras-personagens, as mulheres *arpilleristas*. Os espaços e tempos que compõem as narrativas explicitadas nas *arpilleras* delimitam-se a partir de um período específico vivenciado por todas elas, o processo de Regularização Fundiária Urbana, no qual suas famílias que se situavam nas áreas localizadas 100 metros acima do nível do mar – a cota 100 – e incluíam-se na demanda da desocupação para a formação do reservatório do Xingu, implantação da infraestrutura e construção das estruturas componentes das obras da UHE Belo Monte, tiveram de passar pelo processo de reassentamento para as áreas que hoje constituem os Reassentamentos Urbanos Coletivos (RUCs), localizados no mesmo município (NORTE ENERGIA, 2011).

A escolha da fonte se justifica a partir da proposta de análise do processo de remanejamento das famílias atingidas pela UHE Belo Monte por meio da memória coletiva e individual das mulheres que viveram e contam suas histórias de vida que compõem a história coletiva deste período. Para esta reflexão destacamos dois polos teóricos, a fenomenologia da memória individual e a sociologia da memória coletiva, nas quais se intermedeiam a “coesão dos estados de consciência do eu individual, de um lado; capacidade coletiva de conservar e recordar as lembranças comuns, do outro” (RICOEUR, 2007, p. 134). A memória coletiva, segundo Halbwachs (1990), acontece porque a história de vida faz parte da história em geral e que a memória possui continuidade permanecendo viva na consciência do grupo.

Pressupomos que as *arpilleras* confeccionadas pelas mulheres atingidas por barragens tornam-se locutoras e tomam um significado a partir do contexto em que estão inseridas. Desta forma, na reflexão da mensagem imagética das *arpilleras* indagamos: Ao tecer as narrativas, o que querem contar as mulheres? Qual a relação das imagens das telas de tecido bordadas pelas mulheres com a memória do passado e o presente? Na análise da produção das *arpilleras*, em especial a iconográfica representada pelo testemunho têxtil, por exemplo, quais seriam os motivos da disposição criativa de utilização da arte como estratégias de denúncia pelas *arpilleristas*? Por que classificam e atribuem à técnica de confecção de *arpilleras* um valor artístico e simbólico? (SANTHIAGO, 2013).

## 5. A IMAGEM DOS IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS DA UHE BELO MONTE NARRADA ATRAVÉS DE *ARPILLERAS*

A Amazônia, a maior bacia hidrográfica do mundo (BENINCÁ, 2011), é considerada a região brasileira com maior potencial hidrelétrico não aproveitado do país. Em seus diferentes rios já foram construídos ou estão em fase de conclusão ou planejamento diversos projetos de aproveitamento hidrelétricos, dentre os quais destaca-se a construção, no Rio Xingu, da Usina Hidrelétrica (UHE) de Belo Monte considerada a maior obra do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal (SILVA JÚNIOR; PETIT, 2015).

Empreendimentos energéticos de aproveitamentos hídricos como a UHE Belo Monte, resultam de iniciativas complexas e multidimensionais e compreendem aspectos econômicos, políticos, socioculturais, técnicos e ecológicos, relacionados a diversas interações e condições de funcionamento, produzindo conseqüentemente, profundas alterações socioeconômicas às populações locais e regionais (SANTOS, 2007).

Diante deste contexto, as narrativas representadas por imagens tecidas pelas mulheres *arpilleristas*, as quais serão evidenciadas nas fotografias das *arpilleras*, possibilitam compreender o processo histórico de implantação da hidrelétrica de Belo Monte que, há cerca de quarenta anos, perpetuava-se no imaginário da população local e em projetos do setor elétrico brasileiro e hoje, assume materialidade acirrando inúmeros conflitos e impactos no seu entorno (FLEURY; ALMEIDA, 2013).

Na *arpillera* “mobilização da comunidade” temos o processo de relocação compulsória das famílias que moravam em áreas localizadas abaixo da cota 100 do reservatório do Xingu e que hoje residem no Reassentamento Urbano Coletivo Jatobá. As imagens narram duas realidades distintas marcadas pelo período anterior e posterior à construção da UHE Belo Monte.



Fonte: MAB, 2014.

De acordo com a descrição das *arpilleras* pelo Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB (2014), a primeira realidade, no canto inferior esquerdo, representa as casas de palafitas das áreas alagadiças onde as famílias moravam e tinham seus vínculos comunitários estabelecidos. No canto superior direito está representado o cotidiano no “reassentamento”, com as casas padronizadas construídas pela Norte Energia, as quais possuem três cores padrão: o laranja, o amarelo e o azul. O rio Xingu, representado pelo tecido azul, compõe o elemento simbólico que divide os dois períodos da narrativa, o antes e o depois da construção da barragem. O tecido cinza que aparece costurado sobre o rio Xingu, representa a cor e a forma da obra da UHE Belo Monte, a qual é intitulada pelas *arpilleristas* de “Belo Monstro” por causa dos impactos negativos da hidrelétrica sobre o modo de vida das comunidades que foram assentadas.

Na fotografia da primeira *arpillera*, é possível identificar que três elementos se destacam na representação dos impactos ambientais e sociais decorrentes do processo de reassentamento das famílias atingidas. O primeiro elemento consiste no impacto ambiental, o qual é representado simbolicamente para evidenciar a mudança radical sobre os modos tradicionais de vida e mudança da relação com o meio ambiente que as famílias possuíam antes da construção da barragem.

A escolha das *arpilleristas* em representar o meio ambiente que vivem ou viveram e atribuir significados distintos a cada um, seja por meio de elementos simbólicos ou pela configuração da paisagem presente no imaginário coletivo e memória individual ou coletiva do grupo de mulheres, relaciona-se à discussão do significado de paisagem definido por Silveira (2009), o qual discorre sobre as ações e atribuições humanas de dar sentido ao ambiente, tendo em vista que:

A paisagem é modelada a partir dos desígnios humanos que conformam sua fisionomia mediante a dinâmica de assimilação-acomodadora ao meio, engendrada na interação natureza-cultura no corpo dos lugares de pertença. O humano configura – no sentido de figurar junto – a paisagem (SILVEIRA, 2009, p. 76).

O segundo elemento que se destaca na narrativa da primeira *arpillera* consiste em um dos impactos sociais recorrentes no discurso das mulheres *arpilleristas*, classificado por elas como um dos maiores impactos que a usina causou para as famílias. Trata-se da perda dos vínculos comunitários e familiares. Este impacto evidencia-se a partir da representação da imagem da família. Na primeira realidade, a família é retratada por uma figura feminina (mãe), criança (filho) e masculina (pai), os quais aparecem de mãos dadas e com expressões faciais que, segundo as mulheres, simbolizam a harmonia familiar. Entretanto, na segunda realidade, as mulheres representam a figura da família sem distinções de sexo, sem a figura da criança e sobreposta pela letra “X”. Segundo o MAB, no reassentamento, cada família que antes era vizinha, foi reassentada para um lugar diferente e distante da vizinhança anterior e, em alguns casos, algumas famílias que tinham desavenças, foram colocadas próximas.

O terceiro elemento em destaque na *arpillera*, localizado no canto superior esquerdo da tela de juta, representa a organização social, política e ideológica de grupos de famílias atingidas pelo processo de implantação da usina e pelos impactos socioambientais causados pelo empreendimento. A representação desta parte da paisagem justifica a escolha do título da *arpillera* “mobilização da comunidade” e evidencia a organização e engajamento político-ideológico das famílias dentro do Movimento dos Atingidos por Barragens, no qual os grupos de pessoas que compõem as populações atingidas pelas barragens organizam-se de forma coletiva para refletir acerca de suas realidades e do período histórico de conflito social pelo qual passaram e, a partir da tomada de consciência da condição de atingido, mobilizam-se e criam estratégias de resistência para exigir a reparação dos impactos socioambientais que sofrem ou sofreram.

A partir da reflexão coletiva acerca da realidade das famílias reassentadas após o processo de regularização fundiária urbana e como forma de denunciar o impacto

socioambiental que afeta diretamente os moradores do reassentamento Jatobá, as mulheres atingidas pela UHE Belo Monte confeccionaram a *arpillera* “falta de políticas públicas no reassentamento Jatobá”.



Fonte: MAB, 2014.

Segundo o MAB (2014), os elementos que compõem a imagem desta segunda *arpillera* evidenciam outro impacto recorrente dos processos de construção de barragens, a falta de políticas públicas e de assistência para as famílias que passam pelo processo de regularização fundiária. O poste com um “X” representa a má qualidade da energia elétrica fornecida para as famílias, tendo em vista que mesmo que a tarifa de energia seja alta, algumas ruas possuem pouca ou não possuem iluminação. A imagem do cesto de lixo cheio representa a ausência de coleta de lixo no local. O caminhão simboliza o meio de transporte utilizado para a mudança das famílias que residiam nas áreas situadas acima da cota 100 e que a cada dia são reassentadas.

## 6. A NARRATIVA DAS VIOLAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS VIVENCIADAS POR MULHERES DURANTE A IMPLANTAÇÃO DA UHE BELO MONTE

Em 2010, o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), atual Conselho Nacional de Direitos Humanos (CNDH), formou uma comissão especial para analisar as denúncias de violações de direitos humanos feitas pelo Movimento dos Atingidos por Barragens em processos de planejamento e operação de barragens durante o período de 10 anos. O relatório especial aponta o padrão vigente de implantação de barragens no Brasil que tem propiciado graves violações de direitos humanos, cujas consequências acabam por acentuar as desigualdades sociais já existentes, as quais traduzem-se em situações de miséria e desestruturação social, familiar e individual (CDDPH, 2010).

Segundo o Coletivo de Mulheres do MAB, as desigualdades sociais e relações de poder patriarcais e machistas estruturais da sociedade capitalista agravam-se com a construção de barragens. Em muitos casos, mesmo que as mulheres sejam protagonistas do processo de luta “suas vozes sequer ecoam, porque as empresas não estão dispostas a escutá-las” (MAB, 2015, p. 42).

A narrativa da violação de direitos humanos evocada pela *arpillera* “Prostituição, cárcere privado e violência contra as mulheres e adolescentes em Altamira”, trata do aumento da prostituição e aumento da violência contra as mulheres e exploração sexual infantil nos locais que recebem as grandes obras de hidrelétricas, como o caso do município de Altamira, no Pará. A imagem que representa uma mulher violentada dentro de uma casa pequena simboliza os casos de cárcere privado aos quais muitas mulheres, principalmente jovens e adolescentes, foram submetidas dentro dos prostíbulos. A mulher que aparece violentada, representa traços de descendência indígena e evidencia que a prostituição no contexto de Belo Monte também acontece dentro das aldeias e atinge, sobretudo, as mulheres mais pobres, indígenas e negras (MAB, 2014).



Fonte: MAB, 2014.

O termo “barrageiro” refere-se aos mais de 26 mil trabalhadores da obra da UHE Belo Monte. “Hotel barrageiro” constitui o espaço no qual os operários, clientes da prostituição, alojavam-se na cidade de Altamira. Segundo o coletivo de mulheres do MAB, a prostituição em Altamira intensificou-se com a implantação da hidrelétrica na região, a prostituição, hoje, está integrada ao cotidiano da cidade impactada pela barragem. A representação da escola próxima ao “hotel barrageiro” busca explicitar a situação a que crianças e adolescentes ficaram expostas e, por vezes, acabaram se tornando vítimas da situação de violação de direitos (MAB, 2014).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos a seguir as percepções que atendem ao objetivo que propomos com este trabalho e que nos permitiu responder à problemática. Comprendemos que a análise das narrativas das mulheres atingidas pela UHE Belo Monte, evidenciadas e expostas através de *apilleras*, possibilitam refletir acerca dos paradigmas e impactos materiais e simbólicos decorrentes do contexto de implantação de hidrelétricas no Brasil como: 1) a incompatibilidade dos significados de desenvolvimento entre a concepção modernizante e

comunitária (FLEURY; ALMEIDA, 2013); 2) o binômio energia-desenvolvimento na perspectiva do desenvolvimento humano sustentável; 3) distintas concepções de desenvolvimento tradicional e moderno, além das tensões entre tradição e progresso (FRANCO; FEITOSA, 2013); 4) visões diametralmente opostas acerca dos impactos do modelo energético brasileiro que, por um lado, respondem aos interesses do capitalismo e por outro, a “contestação ao modelo vigente e a luta pela instauração de alternativas” (BENINCÁ, 2011, p. 44).

Compreendemos, deste modo, que o Movimento dos Atingidos por Barragens compõe um dos movimentos populares que discutem o modelo hegemônico globalizante do capitalismo a partir da resistência no âmbito do discurso e das ações concretas por meio de reações ao sistema capitalista em sua versão neoliberal, caracterizando-se, assim, por experiências de uma globalização contra-hegemônica (BENINCÁ, 2011). Diante disso, consideramos que a organização das mulheres no movimento social contribui para a articulação subjetiva das narrativas imagéticas a partir da técnica desenvolvida e representam discursos de resistência das mulheres atingidas por barragens frente aos impactos socioambientais e violações de direitos decorrentes da construção da UHE Belo Monte.

As mulheres *arpilleristas*, ao evocarem suas memórias acerca do período de construção da UHE Belo Monte, com objetivo de expor narrativas imagéticas que representem suas histórias de vida e da realidade que passam ou passaram as famílias atingidas pela barragem, nos instigam à discussão da evocação da memória como forma de representação social. Segundo Boàs (2015) que discorre acerca da Teoria das Representações Sociais (TRS), memória e história constituem-se como formas de agir no campo social que permitem aos diferentes setores da sociedade construir suas demandas por reconhecimento.

Diante disso, compreendemos que a técnica de confecção de *arpilleras*, desenvolvida pelas mulheres *arpilleristas* atingidas pela UHE Belo Monte, tem explicitado uma “forma de conjunto” de narrar a memória das violações de direitos humanos que impactaram e impactam populações atingidas por hidrelétricas na Amazônia. No ato de bordar, atribuir significado a imagens e expor as narrativas imagéticas, as mulheres *arpilleristas* possibilitam a representação do imaginário social e coletivo acerca dos impactos socioambientais da UHE Belo Monte a partir do ponto de vista de atores sociais que testemunharam o período histórico, integraram e transformaram os fatos ocorridos. A análise de *arpilleras* possibilita a percepção de um tipo de linguagem de resistência frente aos discursos globalizantes das empresas construtoras de barragens, podendo servir de instrumento de denúncia, reivindicação de direitos e garantia da cidadania.

**REFERÊNCIAS**

AUMONT, Jacques. **Do visual ao imaginário**. In: A Imagem. Campinas: Papirus, 1993.

BENINCÁ, Dirceu. **Energia e Cidadania: a luta por direitos dos atingidos por barragens**. São Paulo: Cortez, 2011.

BÔAS, Lúcia Villas. **História, memória e representações sociais: por uma abordagem crítica e interdisciplinar**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 45, n 156, p. 244-258, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n156/1980-5314-cp-45-156-00244.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2015

CONSELHO NACIONAL EM DEFESA DO DIREITO DA PESSOA HUMANA – CDDPH. Resoluções nº 26/26, 31/06, 01/07, 02/07, 05/07. **Relatório da comissão especial “Atingidos por barragens”**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/sobreparticipação-social/cddph/relatorio-c.e-atingidos-por-barragens>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. In: O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas: Papirus, 1993, p. 56-107.

DURAND, Gilbert. **O retorno do mito: introdução à mitodologia**. Mitos e Sociedades. Revista Famecos. Porto Alegre: 2004, p. 23: 7-22.

FLEURY, Lorena Cândido; ALMEIDA, Jalcione. **A construção da usina hidrelétrica de Belo Monte: Conflito ambiental e o dilema do desenvolvimento**. Ambiente & Sociedade. São Paulo: v. 15, n. 4, 2013, p. 141-158. Disponível em: <[www.scielo.br](http://www.scielo.br)> Acesso em: 28 nov. 2015.

FRANCO, Fernanda Cristina de Oliveira; FEITOSA, Maria Luiza Pereira de Alencar Mayer. **Desenvolvimento e direitos humanos**. Marcas de inconstitucionalidade no processo Belo Monte. Direito GV, São Paulo, 2013, p. 93-114.

GANCHO, Vilaris Cândida. **COMO ANALISAR NARRATIVAS**. São Paulo: Ática, 2002.

GURAN, Milton. **Considerações sobre a constituição e utilização do corpus fotográfico na pesquisa antropológica**. In: Discursos fotográficos. Londrina. v.7, n.10, 2006. p.77-106.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MAB – MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. **Arpilleras: Bordando a Resistência**. VITAL, Esther; MASO, Thenna (coord.). São Paulo: MAB, 2015.

\_\_\_\_\_. **Modelo de documentação para arpilleras**. Altamira, 2014.

\_\_\_\_\_. **Mulheres atingidas por barragens em luta por direitos e pela construção do projeto energético popular**. São Paulo: MAB, 2015.

\_\_\_\_\_. **Mulheres bordam violações causadas por Belo Monte**. 2014. Disponível em: <<http://www.mabnacional.org.br/noticia/mulheres-bordam-viola-es-causadas-por-belomonte>> Acesso em: 09 fev. 2017.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, 2001, p. 74-82.

NORTE ENERGIA: **Usina Hidrelétrica de Belo Monte**. PBA Projeto Básico Ambiental. Altamira, 2011. Volume II.

PASÍN, Ángel Enrique Carretero. **Un acercamiento antropológico a lo imaginário**. AGORA: Papeles de Filosofía. 2003, p.177-187.

RICOEUR. Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **“Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos”**. In: Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: ano 1, n. 2, p. 107-117, 1995. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a08.pdf>> Acesso em: 09 fev. 2017.

SAMAIN, Etienne. **“VER” E “DIZER” NA TRADIÇÃO ETNOGRÁFICA: BRONISLAW MALINOWSKI E A FOTOGRAFIA**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre: ano 1, n. 2, p. 23-60, 1995. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a04.pdf>> Acesso em: 09 fev. 2017.

SANTHIAGO, Ricardo. **História oral e as artes: percursos, possibilidades e desafios**. História Oral. São Paulo: v. 16, n. 1. 2013. p. 155-187. Disponível em: <[revista.historiaoral.org.br](http://revista.historiaoral.org.br)> Acesso em: 28 nov. 2015.

SANTOS, Coelho dos. **Hidrelétricas e suas consequências socioambientais**. In: BALAZOTE, Alejandro O. et al., Integração, Usinas Hidrelétricas e Impactos Socioambientais. Brasília: INESC, 2007, p. 199.

SEVERI, Carlo. **A palavra emprestada ou como falam as imagens**. Revista de Antropologia. São Paulo: v. 52, n 2. 2009, p. 460-506.

SILVA JÚNIOR, Cícero Pereira; PETIT, Pere. **Hidrelétricas na Amazônia: Impactos energéticos, sociais e ambientais**. In: SILVA, Idelma Santiago da; et. al. Culturas e dinâmicas sociais na Amazônia Oriental brasileira. Marabá: UNIFESPA [no prelo], 2015.

SILVEIRA, Flávio Abreu da. **A paisagem como fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar**. In: SILVA, Flávio Abreu da & CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade. Belém: EDUFPA, 2009, p. 71-83.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **FOTOGRAFIA E LINGUAGEM: PARA PENSAR A COMUNICAÇÃO**. Mediação. Belo Horizonte: n. 5. 2006. Disponível em: <[www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/255](http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/255)> Acesso em: 12 abr. 2016.